

O ESPECTRO

NUMERO 51 — II ANNO 1889

SEMENARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 320

PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20

AMANHÃ

E' amanhã que o governo humilde e constricto, rojando-se aos pés da opposição, pedindo misericórdia, pedindo a prolongação da sua existencia miseravel, vae apresentar-se ante o parlamento nacional.

E' amanhã que vae principiar o ajuste de contas a essa **cafila** descarada que se assenhoreou do poder, esbanjando loucamente o dinheiro sagrado dos contribuintes, inventando empregos aos centos para dar de comer aos **rufiões** seus defensores, aos **caceteiros** do Porto, aos galopins de todo o reino.

As proximas eleições, eis o lado vulneravel d'esses **mariolas**, o alpha e o omega do seu decalogo politico.

Para poderem levar a effeito a nova burla eleitoral, unica taboa de salvação que lhes resta, estão resolvidos a **tudo**. E esta palavra é sinistra quando se trata de progressistas.

São esses infames partidarios do cacete e dos fuzilamentos, que já principiaram a derramar sangue no Porto, os que amanhã mandarão avançar a soldadesca de bayoneta calada, contra o povo, contra os eleitores pacificos, para **roubarem** as urnas, espancarem os adversarios, comprarem votos, e praticarem segundo o costume, os attentados mais audaciosos, os maiores crimes.

Esperam esses tura-vidas politicos, **enganar** mais uma vez o **rei**, **illudir** de novo o **paiz**, mas não o hão de conseguir.

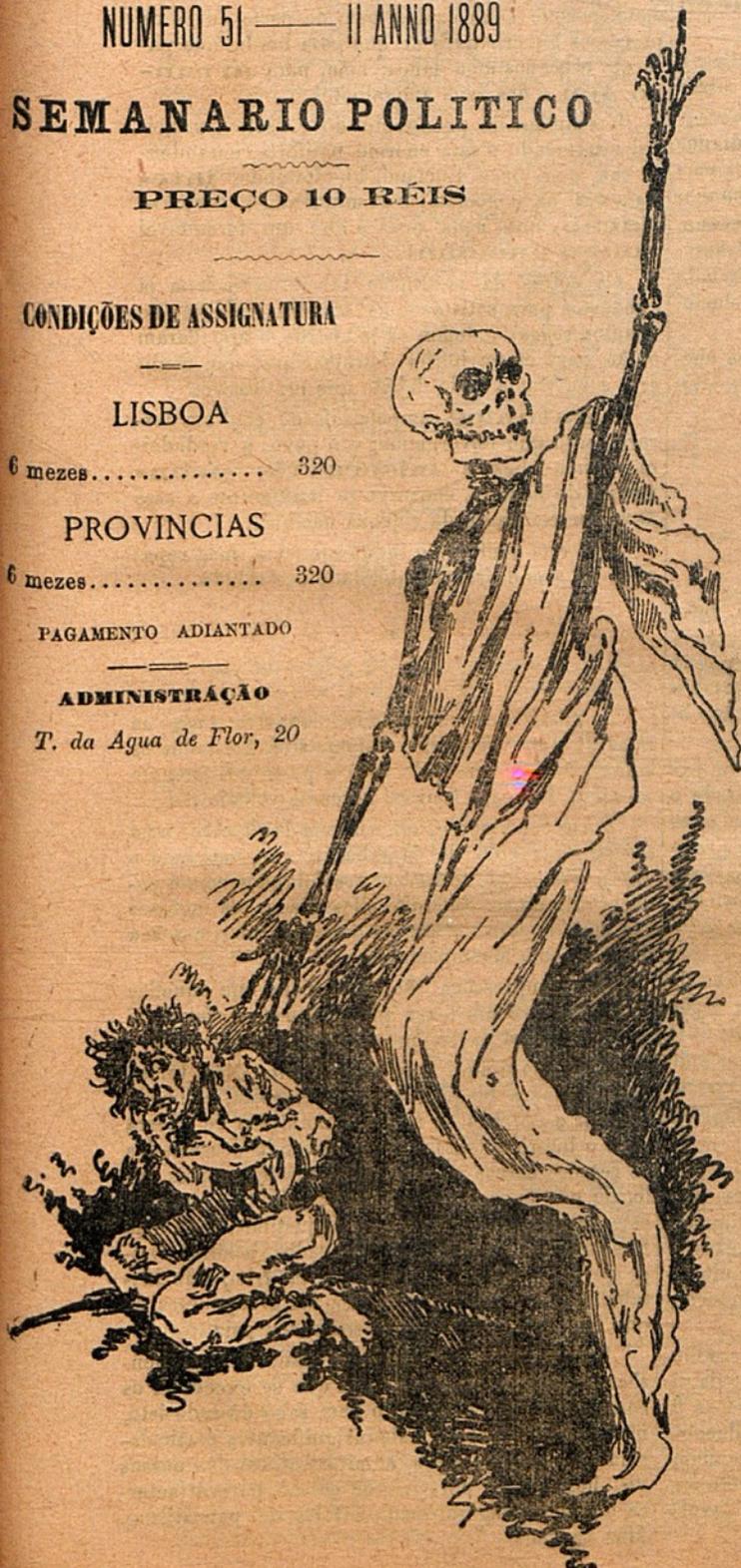
O paiz pela bocca da opposição, dirá a esses **intrujões**, que está farto de ser roubado.

Levantar-se hão as lamas do Tejo, para attestarem esta verdade de todos conhecida, incluindo os tribunaes e a policia. .-

Será dito no parlamento, bem alto, para que o ouça o paiz, que os cofres publicos estão exhaustos pelos rombos formidaveis que lhe tem dado este governo, **em proveito exclusivo de particulares**.

E se a nação em peso, não se levantar indignada perante as accusações tremendas que vão fazer-se, perante as sangrentas affrontas que vão liquidar-se, perante os ultrajes merecidos sob que vae vergar essa cohorte de ratoneiros, é porque realmente a podridão do corpo social já chegou á medulla, e os dias de Portugal estão contados.

Uma crença firme na dignidade humana, leva nos a pensar que, se ainda não soou politicamente a hora derradeira d'esses **tranpolineiros**, d'esses **devassos**, d'esses **comilões abjectos**, d'essa **escoria repu-**



gnante e vil, que ahí tem feito toda a casta de patifarias, é porque ainda não está cheio o cadastro que esses **tratantes** teem aberto perante a vigilancia nacional; mas brevemente, vel-os-hemos baquear no lodo, no desprezo publico, no grande tribunal da historia constitucional do paiz, onde ficarão traçados os perfis dos Marianos, dos Navarros, dos Lucianos, dos Beirões, dos Oliveira Martins, dos opulentos banqueiros da malta, e dos altos funcionarios **cumplices** d'esses **ciganos** do poder.

E' preciso correr a pontapés essa canalha, a fim de que a moralidade respire e se possa dizer afontadamente que não estamos na *Sierra Morena*...

Cabe uma grave responsabilidade aos dignos pares do reino e deputados que militam nos partidos da opposição, a começar do dia de amanhã.

A reeleição d'essas **caras** que ahí teem com as suas proezas, enchido de verdadeiro espanto, toda a gente honesta, viria revelar a necessidade absoluta e inadiavel de um movimento revolucionario.

A tal extremo, de certo não será preciso chegar, **se todos souberem cumprir o seu dever.**

O governo na Africa

Um collega nosso, as *Noticias da Noite*, referindo-se ás escandalosas concessões de terrenos na provincia de Moçambique, diz que lhe repugna denunciar a venalidade do governo, n'esta **porca e indecente negociata**, não obstante haver factos que a justifiquem.

Os melindres do collega não passam de um excesso de boa fé, proveniente da sua sinceridade e patriotismo, porque a verdade, segundo todas as presumpções e precedentes do governo, é que o vil interesse tem presidido a todos os **conluios infames** de que o actual ministerio, **corrupto e devasso**, se não tem pejado em lançar mão.

Anda no negocio das concessões mineiras de Zanzibar tamanha **carrapata**, que o orgão do sr. presidente do conselho, pouco mais tem feito do que insistir em dizer que o sr. José Luciano não foi visto nem achado na famosa **pouca vergonha**, cuja responsabilidade atira para cima do sr. Barros Gomes.

Ora isto é **infame e indigno.**

Um presidente do conselho que engeita, porque se acha comprometido, as responsabilidades dos seus collegas, que com elle são solidarios, é um **corrupto** que se mascara, procurando fazer como Judas, envergando o manto da innocencia.

Ninguem ignora que em 1888 o sr. Barros Gomes produziu uma legislação mineira que devia vigorar para as concessões d'essa especie que se fizessem posteriormente a ella, mas, por influencia do sr. José Luciano, as concessões feitas regulam-se pela lei de 1869, que entrega aos concessionarios por tempo indefinido os terrenos a explorar.

E' aqui que existe o **grande e inaudito attentado** contra a soberania portueza, em que o paiz perdeu o **direito da transmissão da propriedade**, como lhe facultava a moderna legislação.

Pode alguem, em vista de tão flagrante escandalo, duvidar da **corrupção ministerial**, e crer na boa fé do contracto?

Não temos, dizemol-o bem alto, essa ingenuidade, porque conhecemos bem de perto quaes os processos governativos de que essa horda, que para ahí está, costuma lançar mão, para **arranjo seu** e dos seus amigalotes.

Um amigo do presidente do conselho, principal interessado n'esta enorme patifaria, entendeu-se com o sr. José Luciano, que tambem **intereza** na negociata, e combinaram a **expolição**, que nada mais é que um formidavel **roubo nacional.**

Os cofres da metropole talvez se achem já exhaustos para satisfazer as cúpidas ambições de quantos *voyous* rodeiam os ministros, e appellaram então para os territorios ultramarinos, sem medirem a enormidade do delicto que praticavam.

A **gatunice** campeia infrene, com um descaramento que envergonha; e o povo, a verdadeira victima d'esses **miseraveis pelintras** de hontem, conserva-se indifferente a esse *fiscalisar* constante da riqueza nacional!

Pois que continue o indifferentismo, mas repare-se na grande responsabilidade contrahida.

A nossa infelicidade administrativa toca as raiaes de uma verdadeira calamidade. De todos os lados vemos revezes, de toda a parte nos chegam os echos da nossa funesta gerencia colonial.

Foi recentemente, em visita a Inglaterra, uma *troupe* do regulo de Matabelles que, segundo o *Daily Telegraph*, retiraram assombrados com o poderio britannico. Segundo elles dizem, os inglezes são mais numerosos que as areias do mar, e a sua força é como a tempestade.

Boas impressões são estas, para que aquelles selvagens possam fazer propaganda em favor de qualquer outra nação que não seja a ingleza!

Mas não é aqui que está o *gato*. Nós temos uma esquadra bloqueando a nossa costa, a fim de impedir a entrada de armas e munições de guerra para o interior da Africa, conservando desarmados os regulos nossos amigos, cujos serviços temos utilizado nos momentos de perigo; pois, não obstante este grande erro, que ainda se justificaria se não fossemos nós os unicos prejudicados, o nosso *amigo* governo inglez presenteou a tal *troupe* de Matabelles com milhares de espadas e bayonetas de que foi portadora no regresso ao seu paiz.

Não é este caso digno das maiores apprehensões a respeito da boa fé com que se executam os contractos? Mas o governo bem sabe de tudo isto, não desconhece as mais insignificantes particularidades sobre os actos administrativos dos nossos visinhos, e, com um cynismo odioso, parece jactar-se da sua insignificancia e falta de patriotismo. Mas ha mais.

O marquez de Salysbury, em resposta a um lord inglez que o interpellara na camara a respeito da attitude de Portugal na questão do bloqueio, disse que encontrava no governo portuguez *difficuldades que se não percebiam*, mas que em todo o caso os **proprios portuguezes tinham levado muitas armas e munições ás missões inglezas.**

Não acham tudo isto curioso e ridiculo? Pois o governo tinha accedido ao *convite* do bloqueio para prohibir a importação de armas e foi elle proprio que, violando os mais legitimos interesses, esquecendo as mais respeitaveis conveniencias, foi servir de instrumento aos seus inimigos fornecendo-lhes o fogo em que devia queimar-se?

Isto ouve-se e sabe-se, mas custa a acreditar. Nunca yimos maior incapacidade governativa, menos amor patricio, nem maior petulancia na ostentação de commettimento de erros.

O governo é de parecer que todos os processos são bons quando por elles se conseguem os fins, e por isso, como o seu fito é *governar-se*, embora expoliando a nação do que ella tem de mais honroso, não hesita em ser cúmplice em todas as **ladroeias** planeadas, com tanto que possa levar rasca na assadura.

Vil e infame!

De raspão

Não ha razões de conveniencia particular que nos obriguem a poupar esses **miseraveis** que continuam a deshorrar as cadeiras do poder, a empear a atmospheria que respiramos, cheia de miasmas putridos, exalados pela gerencia ministerial.

No interregno da vida airada, em que o sr. José Luciano fugiu **covardamente** ás responsabilidades que lhe pediam, acobertando-se com o throno que tanto tem alluido, succederam-se os maiores escandalos, as mais **repugnantes ladroeias** que o publico attonito já-mais esperaria observar.

Não contentes com a **famosa tramoia** dos 449 contos, **roubados** subrepticamente aos cofres da nação, **roubo** de que se *perdeu metade*, além dos **roubos** do recenseamento eleitoral, ha a registar a não menos **vil e baixa** negociata das concessões na Zambezia, feita a uns magnates progressistas, que ficaram com o direito de vender essas concessões a estrangeiros que nos expulsarão do que é nosso, do que nos tem custado tantas vidas, tantos sacrificios pecuniarios.

Mas é que a maldita ambição do dinheiro, esse iman que arrasta os governantes á pratica dos maiores crimes, é superior a todas as conveniencias, por mais sagradas que ellas sejam.

As camaras abrem amanhã, dia aziago na verdade, e nós estamos anciosos para ver o desplante, a coragem com que o sr. presidente do conselho assumirá a responsabilidade de todos os actos de que a opposição o accusará, depois do sr. José Luciano ter declarado na sua gazeta não ter sido

visto nem achado nas escuras tramoias governativas.

E' um *alho* este presidente—tão depressa diz que não, como logo reconsidera e diz que sim.

Pois que faça como entender, segundo o que os seus ambiciosos amigos lhe determinarem, mas consiga, se fôr capaz, provar á opinião que o accusa, a legitimidade das bem ou mal combinadas operações de que o ministerio se tem valido para saciar as desmedidas ambições dos seus sicarios.

Não bastam as prosapias de gigante, quando longe de perigo, é necessario, é indispensavel, que se não converta, como de costume, em verdadeiro pygmeu de ridicula vaidade.

A'manhã é sexta feira, é dia aziago para o ministerio, ainda o repetimos, mas é o primeiro dia, depois do adiamento, em que o sr. José Luciano passará a ter o seu mau *quarto de hora*, em que lhe começarão os verdadeiros amargos de bocca.

A ver, pois.

Os carrascos da infancia

Andam ahi na baila, varios casos de diversos mariolas que espancam as tenras creancinhas nas escolas primarias e nos collegios.

Os tunantes, esguicham na imprensa, defezas pagas, que ainda mais os compromettem, visto não ser segredo para ninguem, que em Portugal é costume bater nos rapazes; apesar da sciencia ter já interposto o seu veto a semelhantes brutalidades, inteiramente contraproducentes, consideradas pelo lado moral; e absolutamente criminosas, olhadas pelo lado physico.

A creança é um ente delicadissimo, já sobre-carregado com a atrocidade de estudos superiores ás suas forças intellectuaes. Atormental a com pancadas, dadas ás vezes em sitios perigosos, especialmente na cabeça, o que é muito commum entre nós, póde produzir-lhe deformações e lesões, quer pelo susto, quer pela violencia e excesso do castigo.

Está tambem provado que o lado moral do estudante não se modifica com os castigos corporaes.

O anno passado, o conselho geral de saude e hygiene do municipio de Lisboa, discutiu um projecto de regulamento para os estabelecimentos de ensino, não dependentes do estado, e declarou submettel-o á approvação da camara.

Não sabemos ainda o motivo porque não foi approvado e tomamos a liberdade de interrogar d'esta tribuna o sr. Fernando Palha e collegas.

Tal regulamento é uma profunda necessidade, como os factos diariamente se encarregam de demonstrar.

Na proposta do sr. dr. Ennes, havia os seguintes considerandos:

«Considerando que de modo algum se póde provar que os castigos corporaes tornem a população das escolas mais morigerada ou mais applicada ao estudo;

«Considerando que não pôde acceitar-se que o flagello da pancada ou o martyrio das posições violentas sejam indispensaveis para a repressão dos delictos escolares e para o desenvolvimento e aproveitamento intellectuaes das creanças;

«Considerando que a falta de aproveitamento no estudo, a turbulencia nas classes e outras faltas escolares, podendo derivar de causas diversissimas, não devem emendar-se por uma unica pena, e essa tão severa como humilhante;

«Considerando que do castigo da pancada ou do das posições violentas, pôdem resultar irremediaveis damnos physicos;

«Considerando que a incorregibilidade, se a ha, está fóra dos meios e da missão educadora das escolas;

«Considerando que até no exercito, onde ha homens e não creanças, e onde as faltas são de uma gravidade bem differente, se aboliu já a pancada como castigo do soldado, por inefficaz e por que envilece sem corrigir;

«Considerando que todo o castigo presuppõe processo preliminar, e que só os d'esta ordem são applicados á vontade dos professores e sem especie alguma de processo;

«Considerando que a preguiça, a fadiga intellectual chronica e mesmo a corrupção das creanças, além de serem em regra manifestações passageiras, pôdem estar ligadas a particularidades physicas ou psychicas especiaes que a palmatoria nem reforma nem moralisa;

«Considerando, emfim, que estas razões entram facilmente na elevada comprehensão dos professores;

«Proponho, que no regulamento dos estabelecimentos de ensino, que ha de subir á approvação da ex.^{ma} camara, se inscreva o seguinte:

«Artigo... São prohibidos na educação das escolas os castigos corporaes, devendo empregar-se, em seu lugar, para a repressão das faltas escolares, além da admoestação, da reprehensão, ou da expulsão nos casos muito difficeis, as penas de effeito moral que dirigindo e corrigindo as creanças, não lhe prejudiquem o organismo intellectual ou o desenvolvimento organico.»

Esta proposta foi calorosamente approvada por todo o conselho.

E aos medicos juntam-se os poetas. Guerra Junqueiro, referindo-se ás escolas, diz:

A palmatoria, o açoite,
A estupidez decretada!
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!

Entregar a tarimbeiro
Um espirito infantil!
Fazer o calvo Janeiro
Perceptor do loiro Abril!

O professor azinino
Segundo entre nós elle é,
D'um anjo extrae um *cretino*,
D'um *cretino* um chimpanzé!

Empunhando as rijas férulas
Vós esmagaes e partis
As creanças—essas perolas
Na escola, esse almofariz.

Diario Popular

O *Popular* enfeitou o seu arreoio de cabeça. Agora apresenta-se todo tufal com uma bella testeira nova, feita de coiro velho, perpetuando ás gerações o nome de Marianno de Carvalho. Cada doido tem a sua mania, e não seremos nós que teremos a velleidade de querer isentar o *Popular* d'essa grande verdade, mas o caso é de molde a intrigar a gente.

Um jornal com 24 annos de existencia, que tem callos na paciencia, segundo elle mesmo diz, e que se torna gaitreiro á ultima hora jactando-se de ter um director politico... é caso!

Ou aquillo por lá andou sempre á matroca, e o *Popular* não passava de um lagalhé pelintra que enganava o mundo quando lhe dizia ter por director o sr. Marianno, ou então o *réclame* occulta grande *charivari*.

Verdade seja que nós temos ouvido dizer que lá pela redacção do *Popular* vae uma desharmonia de ensurdecer, que os meliores e mais antigos redactores se teem separado sem dizer adeus uns aos outros, para não deixarem saudades, que a propria typographia se *desquitou* do jornal, de modo que nos não admira que a nova testeira seja uma *bem combinada operação* para enganar os papalvos.

Seja como fôr, *chaqu'un gouverna se*, os taes callos para alguma coisa hão de servir, e o sr. Marianno, tomando publicamente o leme do desaryoriado periodico, parece tentar um extraordinario exforço para o salvar do naufragio imminente.

Sempre estes *magicos* nos sahiram uns razões!...

Parlamento espanta elle

O governo tem espalhado que á menor ameaça de lhe chegarem o ferro em brasa ás mataduras, dissolverá as côrtes.

Pum!

Estão doidos varridos, porque tão ridiculas ameaças só teem o merito de assustar os tolos.

Sangue

Sabemos que o governo e os seus partidarios, estão decididos a empregar as maiores violencias, para vencerem a todo o transe as proximas eleições geraes.

Imagine-se o que não haverá!